

O USO DAS TICs POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL – ESTUDO REALIZADO NA E.E. MACHADO DE ASSIS - NOVA MONTE VERDE – MT

THE USE OF ICTs BY STUDENTS OF FUNDAMENTAL TEACHING - STUDY IN THE E.E. MACHADO DE ASSIS - NOVA MONTE VERDE – MT

Claudineia Schadek Labiak Burei 1
Rosane Duarte Rosa Seluchinsk 2

Resumo: Este artigo tem como escopo realizar um estudo sobre a utilização, o acesso e as orientações relacionadas ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), por alunos de 13 e 14 anos do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Machado de Assis, no município de Nova Monte Verde - MT. A pesquisa foi feita a partir de uma coleta de dados, organizada em 03 eixos de análise, objetivando: destacar as contribuições do uso das TIC na contemporaneidade, evidenciar as finalidades do uso das TIC, e verificar o tempo que os entrevistados estão disponibilizando para o uso dessas tecnologias. O estudo aponta, entre outras questões, sobre a importância de a sociedade, por meio de seus diversos segmentos, a família, bem como o Estado, compreenderem seus deveres, no que concerne à necessidade de acompanhamento e orientações, relacionadas ao uso das tecnologias, de forma mais consciente, junto ao público de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e da Comunicação. Tecnologias Educacionais. Metodologias de Ensino.

Abstract: The purpose of this article is to carry out a study about the use, access and orientations related to the use of Information and Communication Technologies (ICT), by students of 13 and 14 years of Elementary School, in the State School Machado de Assis, in the municipality of Nova Monte Verde - MT. The research was done through a data collection, organized in 03 axes of analysis, aiming to: highlight the contributions of the use of ICT in the contemporary world, to show the purposes of the use of ICT, and to verify the time that the interviewees are making available for the use of these technologies. The study points, among other issues, to the importance of society, by its various segments, the family, as well as the State, to understand their duties, regarding the need for follow-up and guidance, related to the use of technologies, in a more conscious way, to the public compounded of children and teenagers.

Keywords: Information and Communication Technologies. Educational Technologies. Teaching methodologies.

Possui graduação em Pedagogia pela União das Faculdades de Alta Floresta (2007), com especialização em Psicopedagogia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação infantil.
E-mail: claudineialabiak@hotmail.com

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Mestre em Educação pela UFPR, Doutora em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS-UNB e Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: rosane.rosa@unemat.br

Introdução

Contemporaneamente, as tecnologias de informação e comunicação, em nossa sociedade, nos impulsionam à busca, à pesquisa e à interação com estes meios, para entender esse processo tecnológico que tanto fascina, ao mesmo tempo, em que desperta questionamentos, dúvidas e incertezas sobre, por exemplo, para onde caminha a sociedade, influenciada pelas novas tecnologias. Essas incertezas só reforçam a importância de a escola e a família estarem inseridas no processo de construção e desconstrução do conhecimento (SOUZA E MILHOMEM, 2018, p.264).

Souza e Oliveira (2007) relatam que crianças e adolescentes, de diversas classes sociais, possuem seus dispositivos tecnológicos e podem ter acessos ao *ciberespaço* a todo o momento que quiserem. Nasce, então, uma nova preocupação sobre como essa interatividade vem sendo explorada pelo público de crianças e adolescentes, sendo necessária a realização de um diagnóstico da qualidade, em relação ao tempo que esse público permanece conectado às redes *online* e, também, alguns dos fatores que os leva ao uso intensivo da *internet*.

Diante deste novo paradigma Silva, (2017, p.18) afirma que é preciso “estar atento à forma como as tecnologias estão sendo utilizadas pelas crianças e adolescentes, e como eles vêm percebendo este mundo digital”; como também, é importante compreender a possibilidade do computador e a informática serem utilizados como ferramentas auxiliaadoras no processo educacional. Para Levy, (1999, p.11) estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e, cabe, apenas, a nós, “explorarmos as potencialidades mais positivas, deste espaço, nos planos econômicos, político, cultural e humano”.

O interesse pelo tema surgiu a partir de conversas informais, curiosidade e preocupações com filhos e crianças que, frequentemente, passam boa parte de seu tempo, em frente a um celular, computador ou tablet. O que aparenta é que as telas desses aparelhos são mágicas, atraem as crianças, adolescentes e, até adultos que ficam em estado de empolgação por horas e horas. Disso, surge a seguinte preocupação: até que ponto isso é bom para a criança e ao adolescente?

O objetivo da pesquisa foi verificar se as Tecnologias da Informação e da Comunicação estão, mesmo, presentes no cotidiano dos adolescentes, para qual finalidade eles as utilizam, e se estão tendo orientações para um uso mais adequado.

A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2018, tendo como sujeitos da pesquisa 37 adolescentes de 13 e 14 anos, que estudam no sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental. A escolha dos sujeitos, foco deste estudo, se deu pelo fato de a adolescência ser uma fase em que ocorrem mudanças significativas, tanto no comportamento, quanto no corpo, o que caracteriza a entrada em uma nova fase da vida. De acordo com Souza e Oliveira (2007), as crianças e adolescentes são, no auge da *internet*, um novo tipo de usuário que surgiu e aceitou esses novos desafios das inovações tecnológicas, usadas por meio dos computadores e dispositivos móveis, principalmente, para fins de comunicação e trocas de informações.

Para analisar e responder os objetivos e as questões da pesquisa foi usado, como caminho metodológico, o estudo de casos, por consistir na pesquisa de um grupo de alunos. Os instrumentos de coletas de dados foram questionários impressos com perguntas direcionadas, que foram respondidas, pelos entrevistados, em sala de aula, durante a visita da pesquisadora. A aplicação do questionário envolveu uma breve explanação sobre a pesquisa e o convite aos alunos para responderem. Em cada turma, a aplicação durou cerca de 30 minutos.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se a análise e tabulação dos dados que foram apresentados, neste trabalho, com as questões que levantadas no questionário e, quando possível, a fala dos entrevistados foi inserida no texto, visando que o leitor tenha o maior número de dados possíveis em relação a situação observada. Para manter sigilo quanto aos nomes dos entrevistados, os alunos foram identificados como **A1** na sequência até o **A37**.

O trabalho foi organizado nas seguintes partes: a primeira apresenta o referencial teórico com os autores que embasaram a pesquisa, a segunda parte traz a análise dos resultados obtidos no estudo de campo, trazendo informações sobre as tecnologias de informação e comunicação na contemporaneidade: análise da percepção de alunos sobre o uso das TIC, como aprenderam a usar e com quem. A terceira parte evidencia as finalidades do uso das TIC, o acesso à *internet* e o tempo que os entrevistados estão disponibilizando para o uso das TIC. Na última parte são feitas algumas considerações sobre as orientações para o uso das TIC.

Referencial Teórico

Atualmente as brincadeiras infantis como pique-esconde, boneca, amarelinhas, jogo de betes, a bola, cantigas de rodas entre outros, estão cada vez mais difícil de encontrar, não estão se constituindo mais como atividades recreativas na infância de muitas crianças, sendo substituídas por celulares, *smartphone*, *tablet*, computador ou vídeo *game*, e até mesmo as amizades reais estão sendo substituídas pelas virtuais, as tecnologias estão se fazendo mais presente na sociedade e na vida das pessoas e estão influenciando em seus modos de vida.

Uma geração de crianças e adolescentes conforme afirma Souza e Oliveira, (2009) está surgindo e está aceitando interagir com esse desafio que se apresenta disponível, o de estar em contato e explorar esse novo mundo virtual, denominado Ciberespaço, Ambiente virtual, Rede digital, espaço virtual. Juntamente com essa nova geração se integra o computador conforme apontam os autores, com o qual as crianças e adolescentes são desafiados a dominar esse novo integrante, levados pela curiosidade, liberdade ou somente como forma de demonstrar a sua autonomia, mas em pouco tempo já conseguem ter acesso a arquivos, manipular internet, fazer downloads e criar redes de amizade com pessoas de diversos lugares.

A utilização do computador como dispositivo de acesso à internet de forma considerada quase que ilimitada, está mudando os hábitos e as interações de vida dos adolescentes. A internet ultrapassa distâncias em questão de segundos sob um clique é considerada uma ferramenta muito poderosa. As crianças e adolescentes estão passando longos períodos conectados na internet e com isso gastando todo seu tempo livre na frente de um computador, celular ou tablet. Não estão mais vendo a necessidade de se reunirem para jogar e se divertir, porque fazem isso através de uma conexão de internet, que dispõe de muitas possibilidades, mas ao mesmo tempo estão isolados cada um no seu mundo.

Compreender o que é ser criança na sociedade atual para Monteiro e Osorio (2015) requer um conhecimento profundo da sua relação com as novas tecnologias, da mediação tecnológica e das experiências de socialização, lazer, comunicação e aprendizagem. Devido atividades mais simples do dia a dia como falar com amigos, ocupar os tempos livres e estudar se apresentarem como atividades, que parecem depender cada vez mais do acesso à tecnologia, e estas interações entre crianças e dispositivos tecnológicos está, portanto, investida de grandes esperanças e receios. Para os autores é fácil encontrar, sobretudo no tratamento que a comunicação social faz deste tema, uma celebração das oportunidades a ela associadas e uma dramatização dos perigos, são populares a ideia de que estamos perante uma geração digital que é líder na exploração das oportunidades que o digital oferece, mas há uma previsão de que a infância está destinada a desaparecer, movidas por todo tipo de informações agora ao alcance das crianças e comportamentos nelas provocados.

Na sociedade costuma se encontrar pessoas que assumem o posicionamento ou contra ou a favor, Demo (2009), conceitua esses posicionamentos e usa o termo “tecnofilia” para quem aprecia em excesso, e “tecnofobia” para quem aprecia de menos. E para o autor a questão mais árdua seria definir o que é excesso, bem como também o que seria uma posição equilibrada, neste mundo que se apresenta com as novas tecnologias há euforia e lamento, um jogo entre “tecnófilos”, “tecnófobos”. Ambas as posições são inadequadas, porque são acríticas. Não cabe aceitar tudo o que os avanços tecnológicos determinam, nem cabe ser totalmente contra. A internet é também um “lixão”, mas é igualmente um horizonte que pode abrir novas oportunidades de autoria e cidadania.

Agora, a nova geração pontua Demo, (2009) é suficientemente diferente para que tenhamos a humildade de reconhecer que não podemos impor proibições, censuras e inquisições. Mas oferecer um acompanhamento cuidadoso em virtude de suas necessidades de formação básica ética. Não a controlamos mais afirma o autor, isto é se um dia a controlamos, tendo em vista que o ritmo acelerado de mudança nos atropelou de vez e proteger requer alguns cuidados, não cabem extremos, que sempre são, ao mesmo tempo, simplistas e cômodos, nos eximindo da responsabilidade de gestar autonomia e autoria.

A UNESCO segundo Bevorti e Belloni (2009), promoveu um colóquio internacional sobre o tema, reunindo pela primeira vez representantes de muitos países, inclusive do terceiro mundo, com participantes que representavam: especialistas, professores-pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Sociais, comunicadores e jornalistas. Surgem, neste evento, discussões e definições sobre mídia e educação, tentando integrar os aspectos críticos e técnicos.

Um dos pontos importante levantados no evento segundo Bevorti e Belloni, (2009), é o de incrementar o espírito crítico dos indivíduos incluindo crianças, jovens e adultos frente às mídias, visando a responder às algumas indagações em relação ao trabalho das mídias, como são organizadas, como são vistos pelos públicos e como orientar estes públicos a utilizá-las de maneira mais adequada.

As consequências futuras com relação a influência das tecnologias exigem muitas reflexões e estudos para apontar caminhos com a divulgação de informações na prevenção aos riscos, nas abordagens de Paiva e Costa (2015), quando a tecnologia é usada de forma correta poderá trazer benefícios para as crianças que utilizarem estes recursos, elas poderão se sentir estimuladas a ler e despertar a curiosidade para descobrir o mundo, favorecendo o querer e o prazer de aprender na escola e fora dela.

Mas os mesmos autores alertam que a utilização das tecnologias de forma indiscriminada pelas crianças provoca o desequilíbrio físico e psicológico, e com isso favorece o isolamento social através do sedentarismo e esse fenômeno causa uma disfunção afetiva despersonalização, ansiedade e depressão, impedindo o amadurecimento físico, afetivo, cognitivo e social das crianças. Considera-se com esses dados que é cada vez mais importante a participação de pais e educadores no sentido de conhecer as utilizações das tecnologias pelas crianças e orientar o uso de forma mais adequada.

Tecnologias da Informação e da Comunicação no Cotidiano de uma Escola de Ensino Fundamental

As mídias digitais estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes, fazendo com que se tenha um ambiente rico em estímulos, disponível para o manuseio desse público. Os dados obtidos por meio do questionário aplicados aos alunos, anteriormente citados, revelam que as TIC se fazem presente no cotidiano do grupo de entrevistados. As respostas obtidas mostram que 97% dos alunos disseram utilizar computadores, celulares e *tablets* e, apenas, 3 % não têm acesso a esse tipo de tecnologia. Os alunos já conhecem, têm contato e dominam, até certo ponto, as mídias digitais, manuseiam celulares, computadores, *tablets*, sem muita dificuldade.

Esta constatação pode ser justificada pelo fato de se tratar de indivíduos nascidos na sociedade em que a cultura digital se faz presente, cotidianamente (ROCHA, 2018 p.26). Mediante o exposto, percebe-se que as TIC estão presentes nos lares e isto faz com que as crianças e adolescentes estejam familiarizados com esses equipamentos e não tenham receio de se aventurarem, investigando as suas potencialidades. Além de estarem em contato, observa-se que as utilizam, cada vez mais cedo, pois como são um público que nasceu na era digital, possuem o primeiro contato com meios de comunicação, com exemplos como os pais postando fotos em redes sociais, desde o seu nascimento e isto, automaticamente, vai influenciando a criança, que desperta o seu interesse e curiosidade em manusear tais tecnologias.

Outro ponto em discussão, abordado na pesquisa, é sobre como os alunos aprenderam a usar essas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Grande parte dos entrevistados, cerca de 60%, responderam que aprenderam observando as outras pessoas e manuseando sozinho, 30% com a família e 5% com os professores. Vejamos a fala de alguns dos entrevistados:

A30: Olhando como as pessoas faz para usar. (sic)

A3: Olhando as pessoas que sabem mais que nós

A5: Eu aprendi mexendo e sozinho.

O avanço das tecnologias conforme Silva, (2017, p.18) vem sendo impulsionado por ferramentas como *internet* móvel, *wifi*, dentre outras, o que possibilita que o manuseio, dos dispositivos, seja cada vez mais fácil e intuitivo, não necessitando de um tutorial, ou mesmo de uma explicação completa, para que os usuários possam acessá-los. Qualquer pessoa que tenha computador, celular, *smartphone* ou *tablet* conectado à *internet*, poderá manusear e produzir vídeo, texto ou imagem e em seguida compartilhá-los nas redes sociais.

Aprenderam com a família foi citado por 30% dos entrevistados. Durante a infância, a criança se espelha muito no adulto, sendo muito influenciada pelas atitudes dos pais, irmãos, avós, tios. Um ponto que chama atenção é que, apenas, 5% responderam que aprenderam com professores. afirma que:

Os alunos por crescerem em uma sociedade permeada de recursos tecnológicos, são hábeis manipuladores da tecnologia e a dominam com maior rapidez e desenvoltura que seus professores. Mesmo os alunos pertencentes a camadas menos favorecidas têm contato com recursos tecnológicos na rua, na televisão, etc., e sua percepção sobre tais recursos é diferente da percepção de uma pessoa que cresceu numa época em que o convívio com a tecnologia era muito restrita (ALMEIDA, 2000, p. 108)

Confirma-se, mais uma vez, que as crianças têm mais facilidade, curiosidade e interesse e estão com as TIC cada vez mais disponíveis em seu dia a dia. Prenski (2001) afirma que as TIC estão também no cotidiano de uma boa parcela da população de adultos e o autor caracteriza esses usuários em dois grupos: os nativos e imigrantes digitais. Os nativos digitais são os que nasceram com a tecnologia, dominando com facilidade a linguagem digital. Eles pensam e processam as informações de forma diferente de membros de gerações anteriores. Os imigrantes digitais são indivíduos de gerações anteriores ao surgimento da era digital, mas que conseguiram se apropriar das tecnologias digitais.

A pesquisa também apresenta qual é a finalidade que os alunos utilizam as tecnologias da informação e da comunicação. Dos entrevistados, 68% responderam que utilizam para estudos, comunicação, jogos e redes sociais. Outra parte, 20% responderam que usam para se informar, conversar e divertir. Por fim, 9% informaram que utilizam para digitar e jogar e outros 3% não responderam a questão.

Pode-se perceber que o cotidiano com as TIC é bem variado. Em geral, os entrevistados equilibram o uso da *internet* para comunicação, informação, entretenimento, e redes sociais. Esta constatação reforça a necessidade de acontecer, efetivamente, uma inclusão digital, com o cuidado de fazê-la de forma segura e protegida, pois a *internet* pode ser uma fonte de oportunidades, mas, também, de vulnerabilidade, e demanda um certo nível de conhecimento para que seja aproveitado o seu potencial. O estudo e a informação estão bastante presentes nas respostas: a *internet* vem como uma ferramenta para facilitar o acesso à informação de uma maneira bem rápida. O homem desenvolveu as tecnologias para facilitar a sua vida e, cada vez mais, está evoluindo. O celular, o computador e a *internet* revolucionaram a maneira de se comunicar. O que antes demorava dias para se enviar e receber uma carta, hoje, em uma questão de minutos, se envia e recebe mensagens via *e-mail*, *whatsapp*, *messenger*. Há uma troca de informações em tempo recorde, através da *internet*.

Questionados, em seguida, se têm acesso à *internet*, 92% dos colaboradores desta pesquisa responderam que sim e 8%, não. Para Bévort e Belloni (2011, p.05)

Ao final do século XX, observa-se uma verdadeira “revolução tecnológica”, decorrente do avanço técnico nos campos das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade possibilidades novas de comunicar e de produzir e difundir informação. O conjunto das chamadas “indústrias culturais” (rádio, cinema, televisão, impressos) vive uma mutação tecnológica sem precedentes, com a digitalização que, embora longe de ter esgotado seus efeitos, já delinea uma nova paisagem comunicacional e informacional. Do ponto de vista dos usuários, tal mutação leva um nome: *internet*, e se realiza em uma máquina ao mesmo tempo incrivelmente complexa e ao alcance de todos nós: o computador, à qual se acrescenta toda uma gama nova de pequenos dispositivos técnicos relacionados com as telecomunicações: telefones

celulares multifuncionais, *Ipod* e *MP3*, jogos eletrônicos cada vez mais performáticos. Com a difusão crescente em ritmo exponencial, mesmo em países pobres como o Brasil, das TIC e da internet, simples usuários sem formação específica podem ter acesso a mídias sofisticadas, que permitem interatividade e acesso à informação e entretenimento quase sem limites. As mídias tornam-se mais individualizadas, impregnantes e invasivas. Da “aldeia global”, passamos à “sociedade da informação ou do conhecimento” e, sobretudo, à “sociedade em rede”, com suas utopias e aporias (inteligência coletiva, autonomia, democratização da cultura, realidade virtual [...]).

Entre os adolescentes que afirmaram ter acesso à *internet*, a maioria, 73% faz uso da rede diariamente, 3% só quando vão para a cidade, 5% dois dias por semana, 11% de vez em quando, e 5% não responderam. Para a maioria dos entrevistados, a *internet* é uma ferramenta que faz parte do cotidiano e está sendo usadas por crianças e adolescentes, que dedicam grande parte do seu tempo para navegar na rede, estar *online*, jogar, obter informações e interagir com as pessoas.

Os autores Souza e Oliveira (2007) abordam que, levando em conta que pessoas de todas as partes do globo se comunicam e trocam informações indiscriminadas, cabe refletir sobre os impactos dessa interatividade em relação às crianças e adolescentes, visto que, ao lado das potencialidades informacionais, também se acentua o índice de *cibercriminalidade*, sobretudo, de pedofilia e pornografia infantil no âmbito da *Internet*.

A pesquisa também revelou quantas horas por dia os alunos utilizam a *internet*. Do total de entrevistados, 46% responderam que utilizam de 1 a 4 horas por dia, 42% responderam que de 4 a 8 horas por dia, 9% dizem ser 10 horas ou mais de uso, e 3% não responderam. Percebemos, na fala dos entrevistados, que as atividades de algumas crianças são voltadas, em sua maior parte do tempo, para o uso de aparelhos que os conectam a internet ou pelo menos que seja possível acessar programas, jogos e outros aplicativos que guardam informações e são operacionais mesmo quando não estão conectados.

A26: Eu fico muito tempo. Acho que umas 16 horas por dia na internet. Nem vejo o tempo passar.

A4: Tem dias que fico das 6:00 às 8:00 e das 12:00 às 20:00. Isso dá umas 10 horas de uso.

A27: eu fico todo o tempo que dá. Na escola não posso, mas quando chego em casa já vou. No dia que não tem aula eu fico até o dia todo desde que chego em casa.

Comparado com o tempo de 24 horas no dia, percebe-se que o aluno A26 dedica todo seu tempo livre para uso do celular, não dedicando tempo para brincadeiras, movimentos e interações com outras crianças, o que é considerado de grande importância para um bom desenvolvimento físico, motor e emocional. O aluno A27 diz “o dia todo desde que chego em casa”. Observa-se que a escola está sendo, para esse aluno, o lugar que propicia atividades diferentes.

No texto “10 razões para se proibir tecnologia para crianças”, Leão (2014) expõe que: A academia Americana de Pediatria e a sociedade Canadense de Pediatria atestam que bebês com idade entre zero e dois anos não podem ter qualquer exposição a tecnologia e crianças de três a cinco, o contato deve ser restrito a duas horas por dia, mas o que acontece é que hoje crianças e jovens usam a tecnologia em quantidade de quatro a cinco vezes maior do que a recomendada e isto está resultando em consequências graves para a saúde.

A Sociedade Brasileira de Pediatria criou um manual de orientação “Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital, que segundo Silva (2017), apresentam diversos profissionais compartilhando informações sobre os benefícios e malefícios das tecnologias da informação e comunicação. Neste contexto, o referido manual chama a atenção para as transformações ocasionadas pelas tecnologias da comunicação no mundo, nas relações e nos comportamentos, tanto para as crianças nativas digitais, como para alguns pais que também se enquadram nesta

geração, orientando-os, juntamente com os professores, a mediar este processo.

O manual cita, ainda, estudos científicos que confirmam a influência de comportamentos através das tecnologias digitais, quando utilizadas precocemente e por longa duração, modificando hábitos, desde a infância e, ainda, podendo ocasionar problemas de saúde, como: dificuldade de socialização e conexão com outras pessoas, dificuldades escolares, aumento da ansiedade e violência, *cyberbullying*, transtornos de sono e alimentação, sedentarismo, problemas de audição, problemas visuais, posturais, problemas sexuais, compra ou uso de drogas, pensamentos ou gestões de autoagressão e, até mesmo, suicídio.

O Controle e o Acesso às Tecnologias da Informação e da Comunicação

Em meio a essas mudanças, considera-se que as crianças e adolescentes não estão preparados para essa guerra de infinidade de informações não tratadas e sem limites, encontrados na *internet*. Souza e Oliveira, (2007), ressalta que o despreparo ocorre principalmente junto ao público de crianças e jovens que ainda se encontra em fase de desenvolvimento físico e psicológico e entra em contato diariamente pois está muito presente na *internet* cenas de nudez ou sexo explícito, *sites* de violência ou racistas, venda de drogas e medicamentos, inclusive usados por adolescentes, como anabolizantes ou moderadores do apetite, turismo sexual e redes de exploração sexual comercial, disfarçados de agências de modelos ou de fotos artísticas

Diante da quantidade de informações às quais crianças e adolescentes ficarão expostos na *internet*, parece bem fácil proibir o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Mas, o que será mais adequado é buscar alternativas para que este uso aconteça de forma consciente. Para Velloso (2007), o mundo virtual advindo da conexão dos computadores – a *internet* – não possui limites, ou seja, não existem regras e restrições impostas ao uso da *internet* para os nossos adolescentes e, limites, fazem parte de uma boa educação. Em fase de transição da vida infantil para vida adulta, os adolescentes encontram-se em desenvolvimento, não tendo plena capacidade de perceber os riscos a que são expostos.

Por isso, considera-se que o uso da *internet* e das TICS requer maturidade e orientações e, quando questionados se já tiveram alguma orientação sobre o uso da *internet*, 5% relataram que as orientações são oriundas da professora e a técnica da sala de informática; 20% afirmaram não têm orientação de ninguém e 71% apontaram a família como a principal responsável pelas orientações. Vejamos algumas das respostas, abaixo:

A9: A minha família fala que pode ser bom a internet em algumas coisas, mas em outras não. (sic)

A6: Já... meu pai e minha mãe já orientou, ele falou pra mim não ficar postando muita foto e aceitar solicitação de estranho no face. (sic)

Em reportagem, Cristiano Nabuco, Psicólogo e Coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria da HC, Hospital das Clínicas de São Paulo, assevera:

Podemos e devemos dar o acesso à tecnologia em certos momentos. Mas esse acesso deve ser controlado e, mais do que isso, não podemos esquecer que os mais novos imitam o comportamento dos mais velhos. Não adianta eu restringir o acesso se eu for o primeiro a levar o telefone para mesa ou para cama. Eu, como pai, mãe ou cuidador também tenho que estar apto de abrir mão de uso para servir de exemplo (NABUCO, 2016, s/p).

Entretanto, para explorar este recurso é necessário que os pais estejam cientes de que podem causar muitos benefícios, mas, quando em excesso, podem trazer também malefícios (NABUCO, 2013). É importante que os pais possam estar atentos ao tempo que a criança dedica

para explorar a tecnologia. Sendo assim, é imprescindível que sejam estabelecidos horários dentro da rotina desenvolvida pela criança. Não existe um tempo pré-determinado, mas também não é indicado que a criança passe horas jogando, sem ser interrompida, ou sem fazer outra atividade.

Observar se os aplicativos e *softwares* são apropriados para a idade e quais os seus objetivos, também é muito importante. Uma boa alternativa é que os pais possam baixar os aplicativos para a criança, pois, assim, já poderão ver e conhecer o jogo, explorando e verificando se é apropriado, se a criança irá conseguir jogar e se não apresenta ações muito difíceis, pois, caso a criança nunca consiga avançar de nível, ela poderá ficar desmotivada.

Souza e Oliveira (2007) afirmam que há um dever coletivo, entre especialistas da academia, acadêmicos de informática, organizações e o governo em se construir, divulgar e assegurar estratégias de educação, voltadas à navegação segura na *internet*, para pais, responsáveis, educadores, crianças e adolescentes e, também, a cooperação ativa de provedores de serviços de *internet*. Isso, apoiando as investigações criminais, pois o uso do ambiente virtual exige habilidade, segurança e, principalmente, o reconhecimento dos deveres de todos os envolvidos (família, sociedade civil e Estado), no auxílio à proteção integral das crianças e adolescentes.

Considerações Finais

As Tecnologias da Informação e da Comunicação com seus dispositivos e ferramentas faz parte do universo dos adolescentes e torna-se fundamental dar voz a esse público e ouvir sobre as relações que estes estabelecem com as tecnologias, para que, então, essas relações possam ser discutidas, visando subsídios sobre as potencialidades e prejuízos desta relação.

Por se encontrarem em fase de desenvolvimento, crianças e adolescentes ainda não têm maturidade e capacidade de perceber os riscos e benefícios a que estão expostos, quanto ao uso das tecnologias da informação e da comunicação. A família, neste processo, é a peça fundamental para acompanhar e orientar, para um uso com mais consciência. A escola também é muito importante, nesse processo de orientação sobre o uso consciente das tecnologias. Para isso, entre outras questões, ressalta-se a importância de os professores buscarem constante formação, com objetivos de realizar orientações mais seguras aos alunos, sobre o mundo digital.

As preocupações se voltam sempre em torno dos riscos virtuais aos quais as crianças estão vulneráveis. Pensando em favor das crianças e do futuro que viverão, não podemos mais manter a abordagem e a definição de tecnologia, como uma força do bem e do mal. Não é atestado nem abraçar nem evitar as mídias, mas usá-las conscientemente e de maneira focada, pois as mídias são inevitáveis, poderosas e cada vez mais essenciais e presente na vida das pessoas. Elas não são nem malignas, nem benéficas, mas podem vir a ser, dependendo de como são usadas.

Compreender as mídias e reconhecer seu imenso potencial é a tarefa de pais, educadores que se sintam responsáveis pela educação das crianças. Procurar uma posição mais sensata entre os extremos pois não cabe ignorar os riscos das novas tecnologias, perante as crianças e adolescentes, e com a atração que tais aparatos exercem sobre as novas gerações. Entender como essa nova geração de crianças e jovens usa as TIC é fundamental, pois são essas mesmas pessoas que estarão no comando da sociedade daqui a alguns anos. E nossa função, hoje, mostrar o caminho para que elas possam aproveitar todos os benefícios dessas tecnologias, fazendo um uso consciente e seguro.

Referências

ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini de. **PROINFO: Informática e Formação de Professores**. vol.1. Série de Estudos Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2000b.

BEVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.** Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de abril de 2019.

DEMO, Pedro. **“Tecnofilia & Tecnofobia”**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009. Boletim Técnico do Senac- a Revista da Educação Profissional.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em rede: **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2015.

LEÃO, Cris. **10 razões para se proibir tecnologia para crianças**. 2014. Disponível em: <<https://antesqueelescrescam.com/2014/03/11/10-razoes-para-seproibir-tecnologia-para-criancas/>> Acesso em: 17/05/2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MONTEIRO, Ana Francisca; OSORIO, António José. Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 28, n. 1, p. 35-57, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 abr. 2019.

NABUCO, Cristiano. 'Estamos criando uma geração de alienados', afirma psicólogo do HC. Estadão. 13/09/2016. **Vida & Estilo**. Entrevista concedida a Rita Lisauskas. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criandouma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/>>. Acesso em: 17/05/2018.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de. COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?** Psicologia PT, o portal dos psicólogos. 02.01.2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>>. Acesso em 25/04/2019.

PRENSKI, Marc. **Nativos e imigrantes Digitais** De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001) © 2001 Marc Presnky Tradução Roberta de Moraes Jesus de Souza. UCG.

SILVA, Patrícia Fernanda da. **O Uso das Tecnologias Digitais com crianças de 7 meses a 7 anos: como as crianças estão se apropriando das tecnologias digitais na primeira infância**. Tese de Doutorado Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Informática. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/168851/001048628.pdf?sequence=1>>. Acesso em 25/04/2019.

SOUZA, Dercia de Antunes e OLIVEIRA, Joyce Alessandra de Moraes. Uso de Tecnologias Digitais por Crianças e Adolescentes: potenciais ameaças em seus inter-relacionamentos – **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologias**. 2007. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/952473.pdf>>. Acesso em: 27/09/2018.

SOUZA, Iderléia Sousa e MILHOMEM, Maria Araújo, A importância do uso das tecnologias no contexto escolar. **Revista TECBRASIL**. Volume 2. João Pessoa, 2018. Disponível em: <<http://revistatcbrasil.com.br/wp-content/uploads/2018/04/2119.pdf>>. Acesso em: 18/05/2018.

ROCHA, Rozane de Fátima Zaionz da. **A tecnologia no processo ensino aprendizagem na percepção dos professores das escolas de tempo integral da rede pública municipal de Curitiba**. Tese (Doutorado em Tecnologia) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

VELLOSO, Mário A. L.; LOPES, Paulo C. Protegendo os inocentes. **Revista Fonte**. Ano 4, nº 07, p. 84 – 92, julho de dezembro de 2007.